

AS MATRIZES CULTURAIS DA RÁDIO REBELDE ZAPATISTA E A BUSCA POR UMA COMUNICAÇÃO AUTÔNOMA

The cultural matrices of the Rebellious Zapatista Radio and the search for an autonomous communication

Las matrices culturales de la Radio Rebelde Zapatista y la búsqueda de una comunicación independiente

Ângela Marques

Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Comunicação Social pela UFMG (2007) Realizou pós-doutorado em Comunicação e em Ciências Sociais na cidade de Grenoble (França).

Email: angelasalgueiro@gmail.com

Ismar Capistrano Costa Filho

Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará e mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente é doutorando em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais.

E-mail: ismarcapistranofilho@gmail.com

Resumo

A construção da autonomia, entendida como autodefinição identitária, autogoverno comunitário e autoconsumo produtivo, são preocupações fundamentais do movimento zapatista que ampliou suas formas de comunicação e diálogo de modo tal que não se resume às comunidades autônomas, mas envolve a articulação com vários atores aderentes. O objetivo principal deste artigo é refletir sobre as contribuições da Rádio Rebelde, localizada na região de Los Altos no Estado de Chiapas, para esta construção da autonomia zapatista. Pretendemos apontar algumas das matrizes culturais presentes nos endereçamentos utilizados nas emissões radiofônicas para construir imaginários que nos possibilitam compreender o sentido de autonomia e articulações comunicativas que podem estar presentes na programação da emissora.

Palavras-chave: Rádio. Zapatismo. Uso social dos meios. Autonomia. Matrizes culturais.

Abstract

The construction of autonomy - understood as identity self-government, communitarian self-government and productive self-consumption - is a concern of the Zapatista Movement. It has extended its forms of communication and dialogue in such a way that it goes beyond independent communities and involves the articulation with some adherent actors. The main aim of this article is to reflect on the contributions of the Rebellious Radio, located at the region of Los Altos in the State of Chiapas, for the construction of Zapatista autonomy. We intend to point some of the cultural matrices found in the modes of messaging used in radio content emissions to construct an imaginary that enables us to understand the meaning of autonomy and communicative articulations that can be present in the Rebellious Radio program.

Key words: Radio. Zapatismo. Social Media Uses. Autonomy. Cultural Matrices.

Resumen

La construcción de la autonomía, entendida como autodefinición de la identidad, autogobierno comunitario y autoconsumo, es una de las preocupaciones básicas del movimiento zapatista que, al mismo tiempo, a extendido sus formas de comunicación y diálogo de forma que no resume al EZLN y a las comunidades autónomas, pero implica la articulación entre algunos agentes adherentes. El objetivo principal de este artículo es reflexionar sobre las contribuciones de la Radio Rebelde, situada en la región del Los Altos en el estado de Chiapas, para esta construcción de la autonomía zapatista. Nos proponemos señalar algunas de las matrizes culturales presentes en los modos de direccionamiento usados en las emisiones de esta Radio para construir imaginarios que hacen posible entender lo sentido de la autonomía y de las articulaciones comunicativas que pueden estar presentes en la programación de la Radio Rebelde.

Palabras claves: Radio. Zapatismo. Usos sociales de los medios. Autonomía. Matrizes Culturales.

Introdução

A discussão aqui realizada busca encontrar as bases simbólicas e racionais da programação de emissoras zapatistas para relacioná-la com as lógicas de produção a partir de uma reflexão acerca da configuração das institucionalidades, seguindo o modelo teórico-metodológico proposto por Jesús Martín-Barbero (1998). Procura-se entender, especificamente, quais os alicerces culturais da programação da Rádio Rebelde, uma emissora fruto do movimento Zapatista no Estado de Chiapas (México) que, como será apresentado adiante, possui diversas origens e articula diferentes lógicas de construir um mundo no qual cabem vários mundos possíveis.

A metodologia da presente investigação utiliza etnografia, a partir da triangulação de entrevistas; observação participante e história de vidas de receptores e produtores. Realiza também uma análise dos endereçamentos de emissões gravadas da Rádio durante três semanas de julho de 2013 na cidade San Cristóbal de Las Casas, tendo como apoio a pesquisa bibliográfica especializada em usos sociais, zapatismo e autonomia, e pesquisa documental, principalmente, publicações dos movimentos sociais. Neste artigo, apenas as entrevistas dos produtores e a observação participante em comunidades serão utilizadas a partir do estudo etnográfico. Já os endereçamentos partem do pressuposto de que a produção midiática leva em conta, além dos interesses dos emissores, as expectativas, a memória e o cotidiano do receptor, operando “sobre rotinas de produção, habilidades técnicas historicamente definidas, ideologias profissionais, conhecimento institucional, definições e pressupostos, suposições sobre a audiência” (HALL, 2003, p. 389).

Por isso, um estudo que envolva recepção e mediações necessita atentar para as “construções simbólicas peculiares com modos distintos de endereçamento da mensagem” (MARQUES; ROCHA *in* JACKS; SOUZA 2006, p. 38), compreendido como a negociação entre os interesses do emissor e as expectativas do receptor, a partir do contexto sociocultural e político-econômico, na produção discursiva. Segundo Itânia Gomes, os endereçamentos demonstram como há uma “(...) relação de interdependência entre emissores e receptores na construção do sentido do texto televisivo” (2005, p. 3). Eles envolvem as interpelações reali-

zadas pelas emissoras aos ouvintes para estabelecer vínculos a partir de laços de pertencimento que facilitem a recepção e aceitação de suas mensagens. Diferente de uma análise de conteúdo, o estudo dos endereçamentos busca estudar o conteúdo das mensagens radiofônicas a partir da relação com as expectativas das audiências.

O presente artigo está organizado em três partes. A primeira apresenta, mesmo que de maneira lacunar, o contexto histórico, social e político do movimento Zapatista. A definição de matrizes culturais e os conteúdos nelas endereçados pela Rádio Rebelde compõem a segunda parte. Ao fim, mostra-se a relação das matrizes culturais da emissora com a origem histórica do movimento e as reflexões sobre autonomia.

Contexto e recorte

O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) ganhou repercussão internacional quando, na madrugada do primeiro dia de 1994, tomou os municípios de San Cristobal de Las Casas, Ocosingo, Las Margaritas, Altamiro, Chanal, Oxchuc e Huixtán no Estado de Chiapas, sul mexicano, reivindicando terra, trabalho, educação, saúde, moradia, alimentação, liberdade, independência, democracia, justiça e paz. Não só a ação militar ocupou prefeituras, câmaras, delegacias e quartéis das cidades e declarou guerra contra o Exército Federal Mexicano, mas também criou, por meio da Internet, a rede de solidariedade nacional e internacional em apoio aos ideais zapatistas e pelo fim da guerra para evitar mais mortes. O movimento tornou-se assim referência nas lutas pelas transformações sociais do final do século XX, época marcada pelo ceticismo revolucionário depois da queda do muro de Berlim e da decadência das experiências de socialismo real soviéticas.

As mudanças constitucionais de 1992, que permitiam a venda das propriedades agrícolas comunais e a entrada do México no Tratado do Livre Comércio Norte-Americano (Nafta) em 1994, foram, segundo os pesquisadores Tamara Villarreal Ford e Geneve Gil (DOWNING, 2001), os estopins para o levante zapatista. Assim como, o fim das terras coletivas foi o motivo da revolução liderada por Emiliano Zapata e Pancho Villa em 1917, que inspiraram o movimento chiapaneco. O Exército Zapatista foi formado inicialmente por sobreviventes do movimento estudantil, vítimas do mas-

sacre da Praça dos Três Poderes na Cidade do México em 1968, que, como saída revolucionária, tentaram implantar, desde a década de 70 do século XX, em todos Estados do país a Frente de Libertação Nacional (FLN). Os estudantes e professores universitários de 68 tinham uma ideologia “lutar por uma democracia que o povo trabalhador e explorado tome as decisões por si mesmo e se prepare para dar fim a um sistema repressivo, autoritário e excludente” (CASANOVA, 2011, p. 269).

Por motivos não totalmente esclarecidos, sobreviveu somente em Chiapas. De acordo com o pesquisador italiano Emilio Gennari (2002), as condições hostis da Selva Lacadón, da Fronteira e de Los Altos (altitude, vegetação quase impenetrável, frio, umidade e dificuldades de encontrar alimentos), a miserabilidade da região (Estado mais pobre do México) e as articulações com as comunidades indígenas do entorno, nas décadas de 80 e 90 do século XX, formaram uma barreira protetora ao movimento, que logo criou seu braço armado. Para sobreviver na região, foi necessário muito mais do que o conhecimento militar, adquirido nos manuais de guerrilha dos marines estadunidenses, mas sobretudo a cooperação dos indígenas que, além do fornecimento de mantimentos em troca de proteção, ensinaram como cruzar as selvas de maneira quase invisível. Esta cooperação não se baseava apenas em trocas, mas, no movimento de 68, prevaleceu o princípio democrático de agregar os mais diferentes grupos populares. Assim, foi tecida a aproximação entre os remanescentes de 68 e os indígenas da região.

Após o conflito armado nos primeiros meses de 1994, de acordo com a pesquisadora Gemma Van Der Harr (2005), cerca de 70 mil hectares do território chiapaneco passa a ser controlado pelas comunidades articuladas em 38 Municípios Autônomos em Rebelia Zapatista (Marez), com sua segurança feita pelo EZLN e gestão pelas comunidades organizadas em assembleias populares e conselhos administrativos eleitos e revogados a qualquer momento pelas mesmas. Segundo Felice e Muñoz (1998), é a primeira guerrilha, na América Latina, que após conquistar o poder o transfere para os civis, não permanecendo no comando e apoiando a construção de uma organização democrática. Os municípios autônomos compõem os Caracóis (espécie de departamentos ou estados), no total de cinco e tendo suas sedes situadas nas localidades Oventik, Roberto Barrios, La Realidad, Morelia

e Garrucha, tendo suas gestões baseadas nos princípios de “mandar obedecendo” e “tudo para todos e nada para nós”.

A Rádio Rebelde surge a partir das Rádios Insurgentes organizadas pelo EZLN desde fevereiro de 2005, em Los Altos (próximo a maior cidade da região, San Cristobal de Las Casas), Selva Tzetal e Selva da Fronteira (vizinho a Guatemala). Apresentadas como “a voz dos sem voz”, as rádios Insurgentes visavam mostrar “os avanços do processo de construção da autonomia nas zonas zapatistas e promover a difusão da palavra e a música das comunidades indígenas”¹. Há também uma transmissão semanal em Ondas Curtas (OC) que “tem como objetivo informar (...) os eventos atuais em Chiapas, os avanços na construção da autonomia zapatista que se realiza através das Juntas de Bom Governo (JBG) e dos Marez”².

Como parte do projeto de autonomia zapatista, desde 2008, teve início a transferência das rádios para os governos civis, processo que se consolidou em 2012, quando as emissoras mudam de nome e consolidam suas novas programações. A gestão das rádios pelos Caracóis contribui para organização destes que gerenciam os espaços a partir das demandas locais e tomam as decisões priorizando as comunidades autônomas articuladas e não a estrutura político-militar do EZLN. A Rádio Rebelde transmite diariamente das 7 às 11h e das 17 às 21h.

Apesar do pesquisador não ter acesso a mesma e a seus ouvintes mais próximos geograficamente - o que se deveu ao fato de não conseguir autorização da Junta de Bom Governo dos zapatistas para isso -, é importante dizer que a emissora era sintonizada, até 2013, nos municípios de San Cristóbal de Las Casas, Zinacatán e Cheneló, locais onde o pesquisador transitou. Com o lema “A voz da mãe terra”, a Rádio possui como principal objetivo fortalecer a autonomia dos povos da região.

É importante mencionar que os conteúdos veiculados pela Rádio Rebelde apontam para um imaginário de independência e autonomia que se constitui através de canções, poemas, músicas, narrativas, depoimentos, estórias e comu-

1 Fonte: <http://www.radioinsurgente.org>, acessado em 15 de junho de 2010. Tradução livre.

2 Idem.

nicados que trazem pistas acerca das matrizes culturais que alimentam a luta política.

Matrizes culturais nos endereçamentos

Para compreender as matrizes culturais da Rádio Rebelde, de acordo com o pesquisador chileno Guillermo Sunkel (1987, p. 2) é necessário entendê-las como “determinada expressão tanto em nível da linguagem e estética como em nível dos conteúdos”, possibilitando tornar visíveis determinados atores, conflitos e espaços. As matrizes culturais representam, assim, uma configuração histórico-estrutural dos valores e significados que circulam em determinadas realidades sociais. Possuem um papel social de orientar os relatos “(...) que ativam uma memória que os coloca em contato com diversos imaginários” (AMARAL, 2005, p. 7).

Segundo Sunkel (1987), as matrizes atuam na construção do popular que se deve realizar a partir das produções culturais. Elas não resultam do estudo do popular em si, mas do popular em relação. Os diferentes conceitos das culturas populares são configurações possíveis para compor as matrizes culturais e é por isso que o autor destaca duas principais: a simbólico-dramática e racional-iluminista.

A primeira surge da concepção religiosa do mundo, criando uma visão mais cultural do popular estruturado na riqueza de imagens e pobreza de conceitos. “A linguagem é rica em imagens e pobre em conceitos, e os conflitos históricos são apresentados como interpessoais. A estética é sensacionalista e melodramática” (AMARAL, 2005, p. 7). Os dramas das líras populares e a exaltação das cores vermelha da luta, sangue e sofrimento e o dourado do prazer, riqueza e bem-estar representam esta matriz que possui uma forte influência sobre os indígenas do continente. Por isso, para Martín-Barbero, o melodrama é uma das chaves de construção do popular na América Latina, tornando-se um “filão do imaginário coletivo e da memória popular” (1998, p. 315- 316) e possibilitando reconhecer as diversas formas de sociabilidade que entrelaçam os sujeitos.

Já a matriz racional-iluminista tem “(...) base no Iluminismo e no racionalismo, desenvolvidos na Idade Moderna na Europa e seus elementos básicos são: a razão – meio de atingir os objetivos – e o progresso – fim da história de qualquer cultura” (BARROS e BERNARDES, 2011,

p. 19). Fundamenta-se, de acordo com Sunkel (1987), nas ideologias de corte iluminista, principalmente, o marxismo, o anarquismo e o liberalismo, expressando “elementos como a razão, o progresso, a educação e a ilustração” (AMARAL, 2005, p. 7) em suas narrativas sociais, que buscam superar a barbárie e construir a civilização. Sua linguagem é abstrata, conceitual e sua estética é séria, tecendo certa unidade através da generalização e da abstração. Sunkel explica que esta matriz “se introduz na cultura popular como um elemento ‘derivado’ ou externo sobre uma matriz cultural pré-existente: a simbólico-tradicional” (1987, p. 3), por conseguinte, guarda uma concepção religiosa de mundo diacrônica, não mais baseada na oposição entre bem e mal, paraíso e inferno e perdão e condenação, mas em termos de certo e errado e eficiente e ineficiente.

A matriz racional-iluminista não abrange só o debate e a crítica, mas também os modos de enunciação doutrinários, aqueles que incitam a mobilização ao engajamento e à participação, aqueles que revelam características de distinção de classes e aqueles que configuram endereçamentos para um público mais cosmopolita, intelectualizado, etc. Por exemplo, o caráter do iluminismo tem a ver com o fato de algumas emissões procurarem difundir a ideologia zapatista como a única via possível para o esclarecimento e a rebeldia contra o neoliberalismo. Os modos de apreensão e difusão das ideologias do zapatismo é uma das características que distinguem as duas matrizes.

Nas rádios zapatistas, as matrizes simbólico-dramática e racional-iluminista se entrelaçam nos idiomas, contos, poemas, músicas, mensagens e traços estéticos. A partir do contexto da emissora apresentado anteriormente, o simbólico-dramático se revela pelos elementos da tradição dos povos indígenas, reconfigurada na colonização – principalmente pela evangelização católica – presentes na programação. Já o racional-iluminista se apresenta no conteúdo reflexivo crítico de origem técnico-acadêmico, como as discussões sobre autonomia, exploração dos trabalhadores, capitalismo e direitos, tendo como origem a presença dos militantes de 68, organizados desde a década de 1970 na Frente de Libertação Nacional (FLN) na região. A Rádio Rebelde possui uma programação carregada de endereçamentos do tradicional que vão desde a locução nas línguas de origem maya tzotzil e tzeltal, que traduzem as interpelações do espanhol às mú-

sicas tradicionais de comunidades indígenas, passando por conteúdos ligados aos valores da relação com o ambiente e a saúde.

O principal elemento tradicional presente na programação da Rádio Rebelde é a locução em línguas originárias, o tzotzil e o tzeltal. Normalmente, os locutores interpelam inicialmente em espanhol e posteriormente traduzem para os idiomas indígenas. Segundo o antropólogo chiapaneco Fábregas Piug (2006b), a maioria dos membros destas etnias de origem maya - tzotziles, tzeltales, choles e tojobales -, que predominam em Chiapas, é monolíngue. 52,8% dos tzotziles e 57% dos tzeltales falam apenas suas línguas originais. Apesar dos dialetos variantes, estes idiomas são inteligíveis por todos que os dominam.

Mesmo sem localizar dados específicos dos gêneros, o pesquisador notou que as mulheres são mais constantemente monolíngues, porque poucas frequentam a escola, onde se aprende o espanhol. Observou-se também que em casa e entre os membros das comunidades falantes, utiliza-se somente suas línguas originárias. Esta predominância certamente é um dos motivos que leva a Rádio Rebelde a possuir sua programação bilíngue.

Somente em cinco momentos o registro da emissora observou conteúdos em uma só língua: os momentos de veiculação de contos. Destes, apenas dois foram em só espanhol. O que levou a locutora a pedir desculpas por não ter a tradução. Os demais foram em línguas mayas. Os locutores parecem que, nestes idiomas, possuem mais facilidade de comunicar-se. Em nenhum dos programas registrados se observou pausas ou gaguejo nas locuções em tzotzil ou tzeltal, algo largamente notado nas apresentações da locução, principalmente das mulheres em espanhol – e pouco observado na locução dos homens -, que aparentam dificuldades de pensar e se comunicar no idioma dos colonizadores. Já a locução em espanhol, que guia a apresentação dos programas, demonstra dois endereçamentos. O primeiro é a inevitável interpelação às culturas européias, inegavelmente presentes no tradicional popular da região. O segundo é a necessidade de articulação entre indígena e mestiço, rural e urbano, ancestral e moderno da programação.

Os contos e as poesias compõem conteúdos de origem tradicional na programação da emissora. No período de registro de sua programação, foram encontrados cinco contos:

“Como o noivo namora a noiva”, “O rei do mal”, “Histórias de Madalena da Paz,” “O coiole” e outro cujo nome não foi identificado devido a falhas na captação do sinal. Conforme mencionado anteriormente, enquanto os dois primeiros foram narrados somente em espanhol, os últimos foram somente em tzotzil. “Como o noivo namora a noiva” possui uma série de aconselhamentos de como um jovem deve aproximar-se de sua pretendente, exemplificando formas de saudá-la, de elogiá-la e as possíveis reações que ela pode ter. Já “O rei do mal” tem um tom de amedrontamento e denúncia:

(...) Sou o que acaba com tua cultura. Como gosto quando vejo que sofre! Ra ra ra! Que alegria me dá! Gosto quando não tem o que comer. Quando trabalha só para ti mesmo. Como gosto de quando briga com seus irmãos. Gosto quando queres organizar-se e atrapalho. Sabe quem sou eu? Que alegria! Como desfruto! Como gosto quando tu jovem, jovenzinha fuma drogas. Como gosto quando tua família está em briga. Que feliz! Sou tão feliz! Gosto quando tu jovem está seguindo a moda. Segue, segue-lo! (...) Gosta quando assiste televisão e aprende tudo. (...) Sabe quem sou? Sou o sistema capitalista.³

Ambos não são interpretados pelos locutores da emissora e são reproduções de gravações, como releva a própria apresentação. Seus narradores fazem constantemente onomatopéias de sons de animais, passos, toque na porta etc. No primeiro conto relatado, há efeitos especiais dos sons dos ambientes da história ao fundo da narração, como a correnteza de rio e grilos na floresta. Esse padrão estético mostra um claro endereçamento para o tradicional campesino dos povos indígenas, estruturando-se na lógica da oralidade, isto é, da fala e conversa cotidiana e interpessoal, traços da matriz simbólico-dramática. Além da oralidade, a dramaticidade é outro elemento desta matriz que compõe os contos que se estruturam a partir de conflitos, seja na dificuldade de um jovem de cotejar sua pretendente seja na degradação social promovida pelo capitalismo.

A construção textual destas produções, baseada na dicotomia entre exploradores-explorados e rapaz-moça, revela a

³ Tradução livre a partir da transcrição da emissão radiofônica.

lógica da oposição, outra característica da matriz simbólico-dramática. Estas produções apresentam ainda lições morais sobre as relações entre gêneros e sobre a consciência política. Enquanto o primeiro traz apelos mais sentimentais, ligados ao amor, ao cortejo, à conquista e às emoções, como paixão e medo, o último faz o questionamento e a crítica racional, de origem racional-iluminista, sobre o capitalismo e as injustiças sociais. O “rei do mal”, no entanto, não deixa de ter elementos do simbólico-dramático, principalmente na interpretação entusiasmada do narrador e do ritmo oral com uma cadência quase métrica do texto.

Nas poesias, que são apresentadas frequentemente pela manhã, interpretadas por seus autores, a autonomia das comunidades indígenas, dos jovens e das mulheres em relação ao governo, ao sistema eleitoral e ao capitalismo predomina nas seguintes temáticas:

- Convocatórias: como na poesia “Desperta Juventude”, que diz: “Jovens rebeldes, dignos lutadores, unamos nossas forças, nossa agressividade para acabar com os exploradores. Juntemos nossas raivas para vencer o inimigo de nosso povo⁴. Defendemos nossa autonomia com fuzis, marchetes e baronetes, se necessário, para morrer com elas se é preciso”⁵.

- Denúncias: como em “Antonio Pobreza”: “Antonio não ganha o necessário. Passa fome as crianças de sua mãe. Não alcança pagar o aluguel muito menos para a escola. Trabalha 20 horas, mas nunca melhora. Quer um aumento e lhes sobem os impostos. Pede melhor saúde, mas melhor ataúde. Quer justiça aí vai a polícia. Te mata por montão e termina no panteão”⁶.

4 Vale mencionar que muitos poemas, mensagens e convocatórias são bastante dogmáticos e moralistas: há sempre uma “moral da história” que visa revelar o que é bom e o que é ruim, além de uma incitação a aniquilar o inimigo - que vai contra a perspectiva de Mouffe acerca do agonismo que deveria alimentar o imaginário radical.

5 Rádio Rebelde, 107,1 Mhz, gravado em 18 de julho de 2013, em San Cristóbal de Las Casas. Tradução livre.

6 Rádio Rebelde, 107,1 Mhz, gravado em 16 de julho de 2013, em San Cristóbal de Las Casas. Tradução livre.

- Críticas políticas: como em “Bomba Bomba”: “Bomba, bomba, Lopes Obrador⁷ é um cachorro labrador. Calderón⁸ não tem razão quando faz matança na nação”⁹.

Assim como no conto “O rei do mal”, estes poemas apresentam o racional-iluminista da crítica social, mas aliados à estética dos versos, da rima, da métrica do simbólico-dramático.

A música é outro conteúdo tradicional veiculado pela Rádio Rebelde. A primeira hora da programação das tardes da emissora dedica-se às músicas de marimba, que são composições instrumentais geralmente no estilo de cumbia¹⁰, tocadas com o instrumento homônimo, típicas do pôr do sol do zócalo (Praça Principal) de San Cristóbal de Las Casas, onde se apresentam vários grupos - principalmente no restaurante localizado no coreto do local. O intuito das músicas é claramente de entreter, como explicita a locução do horário. Esta parte da programação demonstra que a Rádio Rebelde também possui um endereçamento lúdico que, além de divertir, pode criar laços de pertencimentos inclusive com comunidades não zapatistas. A marimba é um instrumento afrodescendente que virou símbolo regional e ritmo que se tornou tradição local.

Nos dias 22, 23 e 24 de julho, o registro da programação observou também músicas tradicionais das comunidades, como San Juan Chamula, conhecida por sua população produzir em todo México hábeis vendedores e San Pedro Polhó, um dos maiores municípios autônomos do Caracol Rebeldia e Resistência pela Humanidade. As canções são interpretadas nas línguas originárias, possuindo longa in-

7 López Obrador foi o principal líder de oposição aos partidos que governam o México. Candidatou-se nas últimas duas eleições presidenciais pelo Partido de la Revolución Democrática (PRD), tendo sido derrotado em 2006 por uma baixa margem de votos, menos de um por cento de diferença. Obrador atribuiu o resultado a fraudes eleitorais.

8 Presidente do México de 2006 a 2011 pelo Partido de la Acción Nacional (PAN) que quebrou, pela primeira vez, o ciclo de governo de 75 anos do Partido Revolucionario Institucional (PRI).

9 Rádio Rebelde, 107,1 Mhz, gravado em 16 de julho de 2013, em San Cristóbal de Las Casas. Tradução livre.

10 A cumbia é uma dança e um ritmo originado na Colômbia durante um longo período de mestiçagem entre elementos africanos (sensualidade, instrumentos musicais), indígenas (instrumentos musicais) e espanhóis (canto, poética e vestuário) que se popularizou na América Latina durante a década de 40. A cumbia mexicana funde elementos do som montuno cubano, do mambo, de ritmos locais (como a música nortenha e el huapango) ao estilo colombiano.

trodução que apresenta a localidade e culminam por um encerramento reafirmando suas identidades locais. Além das canções das comunidades, foram apresentadas as músicas de dança que são somente instrumentais servindo para as apresentações de grupos típicos em festas locais. Ambas normalmente compõem os festejos das comunidades que os realiza no dia de seus santos padroeiros. Essa é uma característica do sincretismo religioso que marca o simbólico-dramático dos povos originários da região. O catolicismo é reconfigurado de maneira tal a servir como elo com o mundo colonial e, ao mesmo tempo, reafirmar as identidades originárias. Piug (2006) chama este fenômeno de ritual mudado e teologia desejada.

Além das músicas tradicionais, observou-se a predominância de canções revolucionárias de três tipos na programação da Rádio Rebelde, veiculadas em diferentes blocos de uma hora:

- Históricas: reconstituem períodos passados das várias revoluções da história mexicana, sempre na perspectiva favorável aos indígenas, camponeses e agricultores e seus mártires;

- Chiapanecas: retratam a luta e os ideais zapatistas nas comunidades autônomas e no EZLN;

- Nacionais e internacionais: reúnem canções críticas ao capitalismo ou de apoio ao movimento Zapatista de artistas mexicanos não chiapanecos, espanhóis, cubanos, argentinos, entre outros.

Por mais que a construção textual destas músicas seja de reflexão crítica da matriz racional-iluminista, seus estilos remetem ao simbólico-dramático das músicas populares como cumbia, passito duranguense, corridos e rancheras¹¹.

Os comunicados e as mensagens são momentos da programação que têm, por sua vez, um caráter informativo. Os primeiros comunicados são informativos das Juntas de Bom Governo (JBG) ou do Conselho de Comando Revolucionário Insurgente (CCRI) do Exército Zapatista,

¹¹ O pasito durangense foi fundado por conjuntos musicais em Chicago por imigrantes procedentes do norte mexicano. Com ritmo acelerando e alegre, mistura influências da cumbia mexicana com o merengue. Já os corridos são manifestações folclóricas musicais e literárias do México que possuem prólogo, anedota, lição de moral e despedida organizados em métrica e rima. Por sua vez, as canções rancheras é um gênero tradicional originado na década 1910, período pós-revolucionário como símbolo nacional, tipicamente interpretados pelos mariachis, sobre temáticas campesinas sendo extremamente emocional.

também publicados no site Enlace Zapatista¹². Nas veiculações analisadas, observou-se dois comunicados no dia 24 de julho de 2013. O primeiro da JBG do Caracol Rebelde e Resistência pela Humanidade de Oventik, sobre o surgimento dos caracóis que comemoraram seus 10 anos no dia 5 de agosto daquele ano. E outra sobre a educação autônoma do CCRI que a diferencia da governamental, possibilitando a história e a contextualização dos povos originários. Mesmo sendo predominantemente de cunho racional-iluminista, principalmente quanto às críticas sociais, as mensagens e comunicados possuem elementos do simbólico-dramático em ideias como a natureza sagrada na mensagem sobre as montanhas, o equilíbrio entre o homem e a natureza na saúde e a importância da educação tradicional no comunicado sobre o assunto.

As mensagens são curtas, durando de 15 a 45 segundos. Aparentam ser depoimentos gravados de pessoas comuns e editados com fundos musicais. Tratam sobre saúde, sobre o trabalho coletivo e sobre a dignidade das mulheres. Além de uma contextualização histórica, este gênero faz questionamentos:

*Mensagem e pergunta aos povos indígenas que não entendem nem querem entender a justa causa da luta zapatista (...), até quando se darão conta que desde mais de 500 anos, somos vítimas e de dominação e exploração, vítimas de humilhação e discriminação, vítimas de marginalização e esquecimento dos que tem poder e dinheiro, por que muitos de vocês estão pondo seus corações, sua confiança e sua esperança em nossos opressores e explorados? Por que se entregou de corpo e alma aos que estão chupando o sangue de nossos corpos como os maus governantes, os altos funcionários, os pecuaristas e os proprietários de terra que tanto dano fazem a nossos povos? Por que vendem sua dignidade por migalhas que caem pelas mesas dos patrões?*¹³

E também realiza exortações para mudança de comportamento, de consciência e de atitudes:

¹² Disponível em <<http://www.enlacezapatista.org>>, acessado em 10 de fevereiro de 2014. Tradução livre.

¹³ Rádio Rebelde, 107,1 Mhz, gravado em 13 de julho de 2013, em San Cristóbal de Las Casas. Tradução livre.

Por isso, queremos convidar a todos companheiros e companheiras jovens zapatistas a todos os povos e regiões que decidam e analisem trabalhar nas diferentes áreas que há em sua comunidade onde em sua região por que quando os jovens participamos com ânimo dos trabalhos de nossa organização assim animamos as crianças para que também comecem a participar para que damos o bom exemplo na luta (...).¹⁴

Além da temática da juventude, percebe-se a veiculação de mensagens sobre o meio ambiente, como apresentado no programa do dia 22 de julho sobre a exploração e destruição das montanhas por serem lugares de riquezas. Há também questões sobre a saúde comunitária, como a mensagem que atribui a causa das doenças ao desequilíbrio da relação entre as pessoas e a natureza, promovido pela colonização europeia, veiculados no mesmo dia. Houve também um comunicado, em formato dramatizado, executado no dia 24 de julho de 2013, sobre o direito do atendimento dos indígenas em hospitais e clínicas públicas e sobre a autonomia, transmitido na manhã do dia 23 de julho:

Autonomia é a base fundamental da forma de vida dos povos originários, ou seja, o mais importante para a vida e a existência dos povos. A autonomia é a faculdade, a capacidade e a possibilidade, quer dizer, a força, o pudor, a inteligência dos povos originários para tomar decisões sobre os diferentes níveis de sua forma de vida comunitária, política, econômica, social, cultural, religiosas e territoriais. Isto quer dizer que os territórios onde vivem os povos indígenas devem se organizar e governar só sem a intervenção dos maus governos e dos partidos políticos sem imposições e manipulações de pessoas alheias que só buscam seus próprios interesses. (...) Autonomia é um direito de todos os povos originários de qualquer parte do mundo de autogovernar-se, a ter sua própria identidade como povos, decidir sobre seus territórios, sobre seus recursos naturais e sobre suas vidas concretas... Como povos devem ter sua autodeterminação, ou seja os povos originários decidir livremente sobre suas vidas, suas condições econômicas, políticas.¹⁵

¹⁴ Rádio Rebelde, 107,1 Mhz, gravado em 13 de julho de 2013, em San Cristóbal de Las Casas. Tradução livre.

¹⁵ Rádio Rebelde, 23 de julho de 2013, gravado em San Cristóbal de Las Casas, Chiapas, México. Tradução livre.

A seguir, desejamos evidenciar que os usos sociais das rádios zapatistas contribuem para a construção da autonomia, porque os conteúdos e os modos de endereçamento dessas rádios conectam as histórias, esperanças, lutas, sonhos, desejos e compromissos dos insurgentes aos sentidos produzidos pelas mensagens autonômicas.

Autonomia e articulações nas matrizes culturais

A preponderância do tema *autonomia* nas mensagens como esta acima, em poesias (Desperta Juventude), em músicas revolucionárias (chiapanecas) e em comunicados (educação autônoma) da Rádio Rebelde, no período estudado, remonta tanto à matriz simbólico-dramática da tradição originária quanto à racional-dramática da origem acadêmica do zapatismo. A primeira revela a própria instalação dos povos de descendência maya, tzotil, tzetales, choles e tojobales na região depois de expulsos das terras mais férteis, no centro do México, durante o expansionismo colonial iniciado no século XVII.

De acordo com o historiador mexicano Zebadúa González, tiveram de organizar-se em pequenas comunidades, dado o isolamento geográfico provocado pelo terreno montanhoso, tornando deslocamentos de 25 km numa caminhada de um dia inteiro:

Chiapas sempre se encontrou desde o princípio na periferia das rotas de exploração e da conquista espanhola. Isto permitiu algumas comunidades gozar durante um tempo se não de uma completa independência, sim de um certo isolamento (...) a pobreza destas comunidades em relação com as civilizações mais ricas dos centros do México e, inclusive, da península de Yucatán e de seus vizinhos mais ao sul, na Guatemala condicionou-se pelas elevações montanhosas de mais de 1000 metros de altura com passos difíceis de cruzar. (GONZÁLEZ, 1999, p. 42).

Estas pequenas comunidades tiveram de construir, além de sua sustentabilidade, seu autogoverno. O isolamento geográfico não determinou, entretanto, um isolamento social. Os indígenas da região se articulam desde antes da colonização através do comércio e especialização em suas produções. Conforme o antropólogo Georg Collier (1976),

há uma tradição ocupacional reforçada pelas dificuldades de importação, dada a distância da capital mexicana e dos grandes centros produtores e pelas dificuldades de transporte.

As comunidades articuladas, segundo o antropólogo mexicano Fábregas Piug (2006a), formaram as etnias *tzotzil*, *tzeltal*, *tojobales*, *choles* e *zoques*, que possuem identidades próprias, construídas por traços compartilhados. O primeiro grupo, *tzotzil*, representa a cultura predominantemente rural e fragmentada em pequenos agrupamentos. O Estado de Chiapas possui 19.455 localidades, agrupadas em 118 municípios. Apenas 144 destes lugares possuem mais de 2.500 moradores. A população chiapaneca de quase 4,5 milhões de habitantes constitui-se de 54% rural, sendo 1/4 pertencente a alguma etnia indígena, o dobro da média mexicana.

De acordo com Piug (2006a, p. 32), a organização político-social destes povos tem como base a família, constituída como o grupo nuclear que é agrupado com outras famílias formando comunidades que possuem um território comunal, chamado de *paraje*, e autoridades políticas. Nas comunidades mais ligadas ao zapatismo, além de incentivar o protagonismo feminino, a assembleia é o principal espaço decisório, podendo dela participar todos os membros e tendo seus longos debates coordenados pelas autoridades eleitas pelo plenário e pelos anciões. Os povos originários de Chiapas também são marcados por seu espírito rebelde, como a revolta *zoques* em 1693 e a rebelião *tzeltal* de 1712, motivada por um movimento messiânico. Por isso, o movimento guerrilheiro instalado na região depois do massacre de 1968 encontrou um fértil espaço para prosperar sua luta social contra a falta de democracia e as injustiças sociais.

Neste clima, a autonomia zapatista de matriz racional-iluminista se desenvolve a partir das ideias do marxismo e anarquismo. O pesquisador mexicano Jonh Holloway organiza o conceito, a partir das vivências desta experiência. Para ele, a autonomia é uma revolta contra o trabalho abstrato que é uma atividade desprovida de especificidade, contendo uma relação de dominação voltada para a troca por outras mercadorias, isto é, um trabalho comercializado. A luta anticapitalista dos trabalhadores abstratos é representada pelo movimento sindical e pelo partido revolucionário que “(...) está atrapalhada dentro de uma prisão organizacional e conceitual que efetivamente estrangula qualquer aspiração à mudança revolucionária” (CECEÑA et al, 2011, p. 328).

Para o autor, o desgaste desta mobilização é resultado das próprias fissuras da lógica do poder-sobre a qual este trabalho está submetido. Ele defende assim que a política emancipatória esteja na valorização do trabalho útil, representado pelos movimentos autonomistas, que produz valores de uso, existente em qualquer sociedade, pelo poder-fazer, independente do mercado. Além da prefiguração do poder-fazer do trabalho útil, a autonomia tem os seguintes traços possíveis:

- Ação direta: o poder-fazer pode prefigurar-se em “escraches, corte de estradas, pontes e ruas, bloqueio de acessos a empresas e instituições estatais, ocupações de prédios, queima de comissárias e processos de deliberação pública (...) formas mais efetivas e contundentes (...)” (CECEÑA et al, 2011).

- Autoafirmação: para o jurista mexicano López Barcenas (CECEÑA et al, 2011), é a capacidade exclusiva de proclamar-se independente, podendo conquistar a liberdade como povos ou coletivos. Já a pesquisadora mexicana Mabel Reys explica que essa independência pode ocorrer frente ao capital (autogestão dos trabalhadores), ao Estado (organização dos oprimidos em coletivos), às classes dominantes (pensar a partir de seus próprios critérios autovalorizando-se) e aos partidos políticos, sindicatos e associações tradicionais. Jaime Zlittler, do coletivo *Koman Illel*, relaciona a autoafirmação com o poder-fazer: “Um coletivo que não busque uma dependência de um financiamento externo, mas que dado o motor é o trabalho. Um trabalho que constrói o trabalho”¹⁶.

- Autodefinição, autodelimitação e autodisposição. A primeira é a possibilidade de determinar por si quem são como pessoas e sujeitos políticos. A segunda característica é definição por si dos limites de seu território. Já a última, implica a organização social da maneira que mais lhes convenha, desenhando seu próprio desenvolvimento (CECEÑA et al, 2011).

- Descentralismo: É o controle popular da autogestão comunitária. Diferente das ações estatais de descentralização estatais, forma de cooptar as comunidades, o descentralismo implica reconhecer jurídica e socialmente o direito de cada comunidade de se autogerir e se autoafirmar.

- Institucionalidade comunitária e participativa: a orga-

¹⁶ Entrevista concedida no dia 15 de julho de 2013 em San Cristóbal de Las Casas, Chiapas, México. Tradução livre.

nização autônoma depende de um processo de subjetivação no qual “(...) as instituições que, interiorizadas pelos indivíduos, facilitem (...) participação efetiva em todo poder explícito existente na sociedade” (CECEÑA et al, 2011, p. 161). Castoriadis (2009) chama de adesões lúcidas e voluntárias, pois a participação imposta configura-se como contradição performativa e serve apenas para disfarçar o autoritarismo. Numa organização coletiva, até o vanguardismo das lideranças pode ser rejeitado, tendo, muitas vezes, os cargos ocupados rotativamente em mandatos revogáveis a qualquer momento e as representações realizadas por porta-vozes que se alternam. Estes cargos e representações estão constantemente submetidos à avaliação da assembleia, principal espaço de decisão e discussão política, que possibilita a participação de todos os membros da organização.

A relação com outras organizações deve ser uma preocupação não só para evitar o isolamento, mas “(...) instâncias de articulação e confluência em níveis locais, regionais, pluri-identitários e cambiantes” (CECEÑA et al, 2011, p. 279). Busca-se, desta maneira, de acordo com Barcenas (CECEÑA et al, 2011), a construção de uma sociedade pluriétnica onde o poder se disperse, o que Paco Vasquez assim esclarece:

Não é somente uma questão linguística ou cultural para querer preservar sua dança, sua música, sua forma de falar. É uma demanda que se integra com o desejo da comunidade de ser reconhecida a nível nacional, como parte da nação e do México, como uma nação pluricultural e multiétnica, com uma representação equilibrada a nível midiático, legislativo e a nível de uso e desfrute dos recursos naturais e dos territórios que se pode ter uma convivência pacífica. Somos parte dessa nação e queremos ser parte íntegra e amplamente. Não queremos somente aparecer nas telas com nossas danças e tradições ou que se conheça nossa língua ou se escute nossa música, não. Queremos poder participar do debate nacional, participar das decisões que nos compete e compete aos demais. E tem uma convivência com os demais povos integralmente e não somente dos processos folclóricos.¹⁷

¹⁷ Entrevista concedida em 10 de janeiro de 2011 em San Cristóbal de Las Casas, Chiapas, México. Tradução livre.

Reys (CECEÑA et al, 2011, p. 162) resume assim a ideia de autonomia: “(...) significa a autodeterminação social em e por meio das formas organizacionais de resistência que antecipam em seu método de organização o propósito da revolução: a emancipação humana”. A autonomia zapatista, nesta perspectiva, distancia-se da ideia de isolamento. Significa independência que possibilite equidade para as relações.

Considerações finais

A Rádio Rebelde, a partir do material colhido, revela conseguir uma articulação entre as duas matrizes culturais aqui apresentadas, pois não deixa de resgatar e valorizar as raízes tradicionais dos indígenas, ao mesmo tempo em que invoca para a reflexão e para a crítica social, tendo como foco o imaginário que suscita ideias de autonomia, emancipação e embate político. Como define o assessor da Via Campesina e ouvinte da emissora, Peter Rosset, o próprio lema da Rádio Rebelde, “a voz da mãe terra”, resgata os elementos dos povos originários e do meio ambiente que não podem ser menosprezados na luta pela transformação social.

Tal configuração é diferente da situação pesquisada por Sunkel (1987) no Chile, em que os impressos ditos revolucionários - de sindicatos, partidos e grupos marxistas - possuíam predominantemente uma matriz racional-iluminista, dificultando criar laços e sentimento de pertencimento com leitores; e os impressos comerciais populares - o jornalismo marrom - apelavam constantemente para o simbólico-iluminista, conquistando grandes públicos e identificando-se com os leitores.

A autonomia está enraizada nas matrizes culturais, ao ponto de as comunidades zapatistas terem sua temporalidade própria. A programação da Rádio Rebelde tem assim um claro endereçamento para fortalecer a autonomia como uma ruptura com o governo, o sistema eleitoral e o capitalismo, não deixando de articular-se com outros grupos seja nos idiomas falados, seja nos comunicados para as comunidades não zapatistas, seja nas músicas lúdicas, nacionais e internacionais.

Na Rádio Rebelde, articulação e autonomia apresentam-se nos vários conteúdos da emissora. A luta contra o capitalismo, a temporalidade e a plástica diferenciada, as

músicas revolucionárias, o repúdio aos maus governantes, a valorização do idioma e das tradições indígenas, o incentivo à organização comunitária, a dignidade das mulheres e da participação dos jovens revelam o discurso hegemônico zapatista que possui a autonomia como elemento. Os endereçamentos construídos em comunicados, mensagens e locução às comunidades não zapatistas demonstram o sentido de diálogo como forma de construção da pluralidade baseada em articulações e acordos temporários e precários entre as diversas hegemonias e discursos zapatistas.

Acreditamos que o projeto de autonomia, tão ansiado e expresso nos conteúdos produzidos e difundidos pela Rádio Rebelde, só pode se concretizar via entrelaçamento de duas dinâmicas: a primeira delas é a apropriação dos significados, textos, discursos, canções, poemas, mensagens e comunicados de modo a reconfigurá-los, tomando-os como elementos de um imaginário e de uma ideologia que orienta modos de ser e estar no mundo, além de projetar mundos possíveis. A autonomia também deriva da valorização do modo de vida local, das resistências de um modo de ser no mundo que procura romper com a lógica do capital e do neoliberalismo, a partir de um trabalho que tenta promover a pluralidade, as articulações contingentes e temporárias, e a interseção entre o movimento e todos os povos que lutam por espaços autônomos e não hierarquizados de subsistência e de enunciação coletiva. Mesmo que inserida no contexto de uma democracia limitada pela guerra de baixa intensidade, pela intimidação e violência paramilitar, a rádio Rebelde representa a luta pela palavra e por um lugar de fala, uma conquista imprescindível para a autonomia.

Já a segunda dinâmica é a articulação entre grupos, práticas políticas e formações ideológicas que possam criar, como resultado, rupturas ou mudanças históricas. Assim, a autonomia emerge nas práticas e conteúdos veiculados e/ou produzidos pelas rádios como algo que surge entrelaçado e tensionado pelas análises dos contextos de vivência e construção de imaginários. Ela é fruto de processos de articulação que requerem condições particulares para a sua emergência, que não são eternos, mas que se renovam constantemente, levando à dissolução de antigos vínculos e a novas conexões – rearticulações.

A Rádio Rebelde, para conquistar os ideais de uma comunicação autônoma, independente e articulada, carece

relacionar-se com outras comunidades, inclusive urbanas, superando o isolamento proporcionado pelas questões de segurança, algo possível com sua inclusão na Internet, onde poderia transmitir sua programação além dos limites geográficos e receber mensagens, sons e audios de outras comunidades. Falta também promover maior intercâmbio com a comunicação massiva, apropriando-se de técnicas que tornem seus endereçamentos mais próximos das expectativas dos ouvintes acostumados com as rádios comerciais e governamentais.

Referências

AMARAL, M. F. (2005). Sensacionalismo, um conceito errante. In: Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 13, p. 1-13.

BARROS, A. T.; BERNARDES, C. B. (2011). Matrizes Culturais dos Gêneros Televisivos Latino-americanos e as emissoras legislativas: análise sobre a Tv Câmara (Brasil). Revista Vivência, n. 38. Natal: UFRN.

CASTORIADIS, C. (2006). Uma sociedade à deriva. Aparecida. Ideias e Letras.

CECEÑA, A. et al. (2011). Pensar las autonomías. Cidade do México. Sisifo ediciones.

COLLIER, G. (1976). Planos de interacción del mundo tzotzil. México: Dirección General de Publicaciones del Consejo Nacional para la Cultura y las Artes.

DER HAAR, G. (2005). El movimiento zapatista de Chiapas: dimensiones de su lucha. Amsterdã. LabourAgain. IISH.

DOWNING, J. (2001). Mídia Radical. São Paulo: Ed. Senac.

FELICE, M. e MUÑOZ, C. (1998). A revolução invencível. São Paulo: Boitempo editorial.

GENNARI, E. (2002). Chiapas: as comunidades Zapatistas

reescrevem a história. Rio de Janeiro: Achiamé.

GOMES, I. (2005). Efeito e recepção. Rio de Janeiro: E-papers.

HALL, S. (2003). Da diáspora. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

JACKS, N.; SOUZA, M.J. (2006). Mídia e Recepção: televisão, cinema e publicidade. Salvador. Edufba.

MARTÍN-BARBERO, J. (1998). Dos meios às mediações. Belo Horizonte. Ed. UFMG..

PIUG, A. F. (2006). Chiapas Antropológico. Tuxtla Gutierrez. Secretaria de Educação do Governo de Chiapas.

PIUG, A. F. (2006). Chiapas: culturas em movimento. Guadalajara. Ediciones de la noche.

SUNKEL, G. (1987). La representación del pueblo en los diarios de masas, in Diálogos de la Comunicación, nº 17, Lima.

ZEBADÚA GONZÁLEZ, E. (1999). Breve história de Chiapas. Cidade de México. Fondo de Cultura Económica, 1999.

Outras publicações dos autores

MARQUES, A. C. S. (2015) Comunicação pública e constituição de cenas de dissenso em contextos institucionais. Revista Organicom, v. 12, p. 78-91.

MARQUES, A. C. S. (2015) Telenovela e Política: perspectivas e modos de abordagem. Significação-Revista de Cultura Audiovisual, v. 42, p. 318-338.

MARQUES, A. C. S. e MARTINO, Luis Mauro Sá . (2014) Ethics and theories of communication: power, interactions, and participative culture. Comunicação e Sociedade, v. 25, p. 154-168.

MARQUES, A. C. S. (2014) Política da imagem, subjetivação e cenas de dissenso. Discursos Fotográficos (Online), v. 10, p. 61-86.

MARQUES, A. C. S. (2010) A deliberação a longo prazo no espaço de visibilidade mediada: o Bolsa-Família na mídia impressa e televisiva. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 7, p. 273-285.

COSTA FILHO, I. C. ; MARQUES, A. C. S. (2015) Endereçamentos da Rádio Rebelde Zapatista: articulações e autonomia. Animus (Santa Maria. Online), v. 14, p. 217-238.

COSTA FILHO, I. C.; ANDRADE, M. A. (2015) A cidadania comunicativa no programa Debates do Povo: as ritualidades do uso social. Rádio-Leituras, v. V, p. 85-103.

COSTA FILHO, I. C. (2015) Dos vídeos populares da Tv Janela aos eventos culturais: o percurso da autoimagem à estima social no comunicacional. Razón y Palabra, v. 86, p. 41.

COSTA FILHO, I. C. (2010) Rádio Insurgente: a construção da esfera pública alternativa na Internet. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. Intercom Nacional.

COSTA FILHO, I. C. (2006) As rádios educativas nos conglomerados de mídia dos sertões cearenses. Revista da FA7, v. 2, p. 191-212.